



## **O PULO DO GATO”: *DIAL-SPERTADOR* PAULISTANO DESDE 1973**

**(Por um rádio metropolitano: tempo e metrópole em Simmel)**

**Rodrigo Manzano**

UniFIAM-FAAM

Ainda que o rádio, de maneira geral, tenha uma orientação bastante perene na manutenção da sua grade de programação, mantendo-a em transmissão durante décadas, “O Pulo do Gato” atingiu um feito que se configura como marco de sua identidade: o mesmo apresentador, José Paulo de Andrade, em si, dá ao programa um caráter autoral muito nítido e, para além da permanência, este mesmo apresentador foi o observador da história recente do desenvolvimento da metrópole paulistana e da sociedade, economia e política brasileira como um todo.

No ar desde 2 de abril de 1973, “O Pulo do Gato” fez, neste ano, seu 30º aniversário. Há, evidentemente, programas há mais tempo no ar no rádio brasileiro, no entanto, nenhum ficou tanto tempo no ar nas mãos de um mesmo apresentador<sup>1</sup>. A Rádio Bandeirantes de São Paulo já figura no Guinness Book – O Livro dos Recordes – por outro feito, o programa “Brasil Caboclo”, no ar há 50 anos.

“O Pulo (...)” nasceu de uma idéia revolucionária para o rádio da época: antecipar o noticiário e as informações gerais. A idéia original foi de Jóia Júnior, que apresentou o programa durante os dez primeiros dias, transmitindo a missão ao até hoje titular José Paulo de Andrade, que já estava há 10 anos na casa, no departamento esportivo da emissora. “O programa que a rádio estava querendo fazer para acordar o público”, lembra-se Andrade, em substituição aos programas de música sertaneja. Naquele tempo, o horário das 6 horas era ocupado pela conhecida dupla de música caipira Tônico e Tinoco, que precisou antecipar o programa para a transmissão do pulo, com horário marcado para este horário. As

---

<sup>1</sup> **Nota do autor:** Um dos trabalhos feitos por radialistas brasileiros a que se pode comparar ao de José Paulo de Andrade é o desenvolvido em Porto Alegre (RS) por Flávio Alcaraz Gomes. Hoje na Rádio Guaíba, Flávio Alcaraz trabalha com radiojornalismo há mais tempo que Andrade, no entanto, passou por diversos programas e por duas diferentes emissoras. O seu “Flávio Alcaraz Gomes Repórter”, no ar desde 1988 na Guaíba, foi antecedido pelos programas “Correspondente Renner” e “Correspondente Adlub”, também por ele apresentados. Além de ter trocado de emissora – transferindo-se para a concorrente Rádio Gaúcha – Alcaraz, por motivos particulares, foi obrigado a afastar-se dos estúdios durante um período de tempo em sua carreira no rádio.



concorrentes, então, mantiveram na sua grade de programação as tradicionais seleções musicais enquanto “O Pulo (...)” já transmitia, nesse horário, jornalismo e serviço – além de entretenimento, evidentemente – ao ouvinte paulista.

O nome do programa tem origem incerta. Há duas versões para o fato – as duas consideradas pelo apresentador José Paulo de Andrade. A primeira delas, é que o nome foi escolhido a partir da fábula mineira em que uma onça observa a agilidade do gato e, sendo felina como ele, pede que ele lhe ensine suas habilidades. O gato concordou e deu à onça as aulas de agilidade. No entanto, após dar-se por satisfeita e imaginar ter aprendido tudo o que o gato teria para lhe ensinar, a onça resolve dar-lhe o bote. Rapidamente o gato se esquiva, em um salto e a onça, surpresa, pergunta: “você não me ensinou tudo o que sabia?”. Pronta e espertamente o gato responde: “sim, mas esse é *o pulo do gato* e é o que me mantém vivo”. Outra origem para o nome foi que o patrocinador sênior do programa durante muito tempo – desde o seu início – foi uma marca de pilhas que tinha por *slogan* “a pilha do gato”, o que justificaria o título concedido ao programa. “Acho que, no caso do nome, uniu-se o útil ao agradável”, imagina o apresentador.

A verdade é que para o espírito que o programa queria inserir na faixa horária a que se pretendia, o nome não poderia ter sido mais apropriado. Para uma São Paulo que se descobria industrial e para um habitante que precisava acordar cada vez mais cedo com o objetivo de chegar pontualmente ao trabalho, “o pulo do gato” era a ação necessária para sair da cama nas manhãs frias da cidade.

Em seu início, a transmissão funcionava em *pool* com mais duas emissoras de rádio, a Rádio Independência de Belo Horizonte (MG) e a Rádio Difusora, de Porto Alegre (RS). Para justificar a participação das duas emissoras na transmissão – e cativar os ouvintes daquela cidade – havia duas entradas de repórteres dessas rádios, com as informações mais relevantes para as cidades. No entanto, a direção da emissora, cada vez mais, entendia que “O Pulo (...)” deveria adotar um caráter essencialmente paulistano e a participação das emissoras foi cancelada. “Logo a gente chegou à conclusão de que o formato havia sido feito para São Paulo, uma nova metrópole que acordava cedo, que não era o caso de Porto Alegre e Belo Horizonte, em que eram cidades bem menores. São Paulo já levantava mais cedo”, lembra-se Andrade.



Nesse tempo – assim como hoje – a audiência era formada majoritariamente por operários das indústrias, trabalhadores, donas de casa que acordavam cedo e alguns pequenos empresários. O que os unia em um sentido ordenador – como o observado por Simmel nas grande metrópoles – era uma necessidade cada vez mais premente de sair de casa informado sobre as condições da cidade e das notícias noturnas que sequer seriam lidas nos jornais daquele dia. Então o programa já, pioneiramente para o horário, trazia as informações de clima, trânsito, aeroportos e estradas. No entanto, o formato não comportava somente jornalismo puro. Era, ainda – como o é – comentário. E entretenimento. Foi a mais vespertina revista do rádio brasileiro. Diferentemente dos formatos adotados hoje pelas empresas de radiojornalismo nesta faixa horária, havia horóscopo, consulta a psicólogos, parapsicólogos, pediatras, e até um quadro de – pasmem – filatelia. Desde o seu princípio, uma das preocupações do programa foi coloca-lo o mais perto possível do ouvinte e, assim, dar também espaço para a participação de quem ouvia o programa. O quadro mais antigo do programa – e que vai ao ar até hoje – é o de consulta sobre Previdência Social. Ouvintes participam, por meio de perguntas direcionadas à assessoria de comunicação social do INSS. Há 30 anos, as preocupações são as mesmas: aposentadoria. “Quem começou a trabalhar há 30 anos está se aposentando agora, e o quadro ainda continua no ar”, afirma José Paulo de Andrade.

Na procura do formato ideal para o programa, José Paulo de Andrade lembra-se de duas reminiscências radiofônicas que se configuraram como influência na concepção que “O Pulo (...)” tem hoje. Uma delas foi o programa “Nada Além de Dois Minutos”, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro – que foi transmitido em São Paulo pela Rádio Nacional de São Paulo; a outra, na própria Band, era o “Rádio Folhinha Ford”, apresentado por Luiz Ayala, e que depois apresentou “A Hora do Arara”, no período matinal.

Enquanto as outras emissoras apostavam nos sucessos já consagrados de programas populares e sensacionalistas – como os policiais de Afanásio Jazadji, Gil Gomes ou os matinais populares de música e informação, como o de Eli Corrêa – “O Pulo (...)” criava uma nova atmosfera no espectro radiofônico. A luta maior para a conquista de uma nova audiência era fazer migrar os ouvintes desses programas para o novo estilo que nascia. O rádio já não seria mais um elemento que apenas “contava os fatos e os comentava” – típicos de sociedades fundamentadas nos esquemas anteriores aos da urbanização, de uma comunicação primitiva e



um olhar preconceituoso sobre os fatos – mas já se contornava sobre os pilares da cidade que crescia.

O programa nasceu sob o domínio da ditadura militar e das limitações que o AI-5 impôs às comunicações de modo geral. Logo em 1973 – quando os militares também tomam o poder no Chile, depondo e assassinando o presidente Salvador Allende – José Paulo de Andrade experimenta o dilema entre fazer ou não fazer uso do microfone para a exposição de sua opinião. Optando pela primeira opção, pergunta e afirma no ar: “que perigo físico representa Salvador Allende para quem toma o poder no Chile? Só por isso já começa muito mal o novo regime chileno”. Este comentário não trouxe problemas diretos à produção do programa. José Paulo de Andrade considera duas razões para que a ressonância entre os militares brasileiros não tivesse sido tão grande. Talvez porque se tratasse do Chile. Ou então, talvez porque o programa ia ao ar tão cedo que os militares sequer o haviam ouvido. A audácia de José Paulo de Andrade diante do Golpe Chileno, no entanto, não o classificou como subversivo de esquerda. Há quem afirme que ele é reacionário e conservador em seus comentários. O que ele sabe é que o discurso de esquerda nunca foi de seu agrado, nem mesmo quando cursava a faculdade de Direito no Largo São Francisco, então reduto do pensamento de vanguarda da política brasileira – que classifica como “proselitismo comunista”. Advogado, José Paulo de Andrade formou-se depois, em outra instituição, mas pouco exerceu o ofício.

Um dos quadros do programa – “Boca no Trombone” – era uma espécie de resistência sutil ao ideal de um Brasil progressista e desenvolvido, como queria propor ideologicamente o governo Médici. O ouvinte participava do programa, com o objetivo de fazer suas queixas cotidianas, o que acabava por desmontar a idéia de uma nação-potência que pairava no imaginário popular. A vida cotidiana – instância em que o rádio, por sua natureza sempre atuou – desmentia isso. “Na medida em que a sociedade brasileira ganhou autonomia e conquistou a liberdade de expressão perdida na ditadura, o programa devia abrir espaço para novas discussões e para os ouvintes. O apresentador, então, deixou de ser um oráculo para ser um porta-voz do ouvinte”, posiciona-se José Paulo de Andrade.



## A história, o tempo e a cidade

*“Uma geração atrás, na comunidade de Kangiqsualujjuaq, no Ártico canadense, um oficial do desenvolvimento do governo estava explicando as virtudes do trabalho árduo e sua eficiência para uma platéia Inuit<sup>2</sup> muito culta. Durante a sua fala, o oficial, estusiasmado, usou a expressão ‘tempo é dinheiro’ e seu intérprete, confuso mas concordante, traduziu essa máxima da sabedoria capitalista como ‘um relógio custa muito caro!’”*

John MacDonald, no texto “Inuit Time” in: *The Story of Time*, Merrell Holberton Publishers Ltd, 1999 pág. 92

A pequena história acima, descrita pelo pesquisador canadense John MacDonald, a princípio parece em nada se relacionar com o objeto da edição deste livro e de seu corpo empírico: o rádio brasileiro e as histórias de seus 80 anos, comemorados oficialmente em 2002. No entanto, serve de intróito a lembrar que o fenômeno da inserção dos modelos capitalistas de compreensão do tempo e da sociedade é muito recente. E vale lembrar que, mundial e nacionalmente, o rádio exerceu papel fundamental no processo da nova compreensão desse *timing*, que redesenhou os contornos da transição cidade-metrópole, vivenciada, no Brasil, pelas maiores capitais no século XX, em especial por São Paulo, que cresce sob a égide da industrialização, principalmente no segundo lustro do século passado.

“Acorda São Paulo do seu sono justo / está na hora do Pulo do Gato”. Há 30 anos, as manhãs de São Paulo iniciam-se com a vinheta de abertura do programa “O Pulo do Gato”, transmitido pela Rádio Bandeirantes AM e apresentado, desde a sua criação, em 1973, por José Paulo de Andrade. Era o mais novo relógio que anunciava a hora de acordar do povo paulistano, era o mais novo programa que marcava a fase de transição de uma São Paulo de resquícios da agricultura cafeeira para uma outra São Paulo que admitia contornos de cidade multifacetada e com uma nova velocidade. A velocidade das várias e diversas máquinas que dariam à capital uma notação do tempo ainda não experimentada pelos seus habitantes. Nascia, no imaginário, a São Paulo metropolitana. Retardatária compreensão da cidade, sim,

---

<sup>2</sup> *Inuit* refere-se aos grupos que, em português, são pejorativamente chamados de esquimós e habitam o gélido norte canadense.



já que a capital paulista já se posicionava, naquele tempo, como a mais industrial e avançada cidade brasileira. Se a cidade assim o era, os habitantes ainda não a haviam percebido desse modo, em sua totalidade.

Historicamente, o Brasil presenciou quatro momentos muito distintos de seu desenvolvimento – marcados por culturas econômicas e contextos políticos muito variados e que mantiveram, cada um a seu tempo, uma cidade como ícone desenvolvimentista e como catalisadora da atenção nacional. Salvador, na Bahia, foi a cidade do século XVII; as cidades de extração aurífera de Minas Gerais, do século XVIII; Rio de Janeiro e a consolidação do Estado Republicano, no século XIX. São Paulo – apesar da sua longevidade – só entra no cenário nacional com massa muscular no século XX, especialmente a partir da transição da capital nacional para o Planalto, com a criação de Brasília pelo governo desenvolvimentista de JK. (WISNIK, 2001)

O desenvolvimento das cidades foi fundamental para a uma nova concepção das artes e da comunicação de modo geral. Sabe-se que o futurismo europeu – aqui transportado pela Semana da Arte Moderna de 1922 – foi o primeiro movimento artístico a perceber as relações entre homem, tempo e máquina das grandes metrópoles e levar para o coletivo essa percepção da velocidade urbana que nascia no século XX. O rádio, ainda que fosse um dos inventos que se configuravam como ícones destes novos tempos advindos da industrialização mecânica e posteriormente da difusão eletrônica e do advento da eletricidade, se comportou, grosso modo, até os anos 50, como reprodutor dos formatos analógicos e lineares previamente testados no jornalismo impresso.

Em São Paulo, é “O Pulo do Gato” e José Paulo de Andrade que marcam essa ruptura. E acompanham o relógio metropolitano, seu cidadão mais veloz e suas urgências típicas da cidade grande que se descobria. Era 1973.

O começo da década de 70 é marcado pela crescente industrialização da metrópole paulista. Segundo dados da época, os maiores industriais brasileiros eram, nessa ordem, as Industrias Reunidas Francisco Matarazzo, as Indústrias Votorantim, a Rhodia Indústrias Químicas e Têxteis e a Pirelli S/A, as duas primeiras de capital integralmente nacional e as outras duas formadas por capital estrangeiro. No entanto, a linha que as uniu foi o fato de todas estarem baseadas em São Paulo (CARDOSO, 1993). Sob a regência do crescimento



vertiginoso destas grandes empresas, o cidadão necessitava de um novo rádio matinal. Um despertador diário.

Até este momento, o primeiro horário da manhã – entre as 6h e 7h – era predominantemente ocupado pelos programas de música caipira. No cerne dessa concepção radiofônica estavam as figuras dos matutos, resultado da concepção periférica do Estado de São Paulo diante do Brasil e de um mergulho nas mais profundas raízes mistas entre os bandeirantes paulistas e seu povo simples. A música caipira – ainda que reflexo *sui generis* de São Paulo – soava em dissonância com a sociedade emergente. Eram dois ritmos que não combinavam entre si. O rádio, *démodé*; a cidade, *mécanicien*. Ritmo, como já pontuou Scalli Júnior, é

constitutivo na estruturação da subjetividade, já que de uma forma ou de outra o homem sempre está submetido, ou melhor, informado pela moldura do ritmo, desde a batida do coração até sua forma de se mover no mundo, pois que o próprio corpo é envolvido por esse ritmo que, de certa maneira, promove um determinado, além de se mover, estar no mundo. (SCALLI JÚNIOR, 2001)

Nesse sentido, o notável sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel diagnosticou os cenários criados pela industrialização na Berlim do começo do século passado e em como a metrópole passava a agir nos indivíduos. Após pessoalmente testemunhar a revolução que as máquinas imprimiam na cidade, Simmel escreveu, em 1901, o artigo “A metrópole a vida mental”, primeira das referências para quem procura entender os efeitos da metrópole na vida cotidiana.

Se o esforço de vislumbrar o programa “O Pulo do Gato” como um novo despertador do dois sonos em que vivia São Paulo – o primeiro, o sono em si, do trabalhador que dorme e o segundo, mais tardiamente percebido, o sono de que o cidadão precisava ser desperto para uma nova consciência urbana – Simmel já havia usado a metáfora do “relógio” muito antes.

“Acima de tudo, esta necessidade [dos relacionamentos do metropolitano típico] é criada pela agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo. Se todos os relógios de Berlim se pusessem a funcionar em sentidos diferentes, ainda que apenas por uma hora, toda a vida econômica e as comunicações da cidade ficariam transtornadas por um longo tempo” (SIMMEL, 1967)



Foi “O Pulo do Gato”, dessa maneira, o relógio radiofônico que mais cedo ordenava e regia o caos metropolitano em que São Paulo começava a se ver mergulhado na década de 70, como já descrito aqui, pela industrialização e pela necessidade de organização da força de trabalho operária e a demanda que essas novas relações industriais de trabalho imprimiam na metrópole.

Além disso, a força de atuação da metrópole, aos poucos, transformava o cidadão em *mais um* elemento da cidade, ao contrário do que constatou Simmel, acontecia nos pequenos grupos rurais anteriores à revolução industrial. Assim sendo, o indivíduo despersonalizado – fruto das relações racionais de trabalho, em que homem se torna “um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente” (SIMMEL, 1967) – precisava de algo que, midiaticamente, o recolocasse nas relações emocionais e o tratasse com individualidade, sem que isso lhe tomasse a liberdade conquistada com o advento da cidade grande. Faz-se lembrar, desse modo, da constatação machulianiana para quem o rádio manifestou-se “numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa” (MCLUHAN, 1993)



### **Bibliografia consultada**

LIPPINCOTT, Kristen (org.). The Story of Time. Londres: Merrel Holberton Publishers/National Maritime Museum, 1999.

WISNICK, José Miguel. Palestra conferida no Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo. 6/jun/2001. **Anotações do autor**.

CARDOSO, Fernando Henrique. A construção da democracia: estudos sobre a política brasileira. 3ª ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

SCALLI JÚNIOR, Dirceu. Tempo e ritmo - Passeios entre campo-cidade pequena/metrópole. Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em [http://www.estadosgerais.org/encontro/tempo\\_e\\_ritmo.shtml](http://www.estadosgerais.org/encontro/tempo_e_ritmo.shtml)

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Gilberto. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cultrix, 1993.

ANDRADE, José Paulo. Entrevista concedida ao autor em 20/05/2003.